

RIOS ARTERIAIS

É quase impossível descrever a emoção sentida ao avistar, das alturas de um vôo internacional, a escarpada cordilheira dos Andes. Os traços de vida na aridez da cordilheira, os vales e os rios visíveis à altura de 10 mil metros, foram assim apreendidos nos versos iniciais do Canto Geral, de Neruda:

*Antes de la peluca y la casaca
Fueron los ríos, ríos arteriales:
Fueran las cordilleras, en cuya onda raída
El cóndor o la nieve parecían inmóviles:
Fue la humeda y la espesura, el trueno
Sin nombre todavía, las pamplas planetárias. [1]*

A travessia do continente sul-americano na companhia de Antonia – que trazia, dentro de si, a pequena Gabriela – com destino a Lima, aproximava-se do fim. [2] A descida no aeroporto de Lima, através de um manto de nuvens que se perdia no horizonte e ocultava igualmente o Oceano Pacífico, foi outro episódio inesquecível pela beleza e também pela temeridade do pouso realizado pelo comandante do avião.

1. O sol surpreende Lima

Depois do susto da ousada aterrissagem, o alívio do desembarque no aeroporto. Em meio ao tumulto indescritível da busca da bagagem, da revista da bagagem e da multidão comprimida no saguão de espera, avistamos a família Veracruz. Que alegria! Saímos para o parque de estacionamento sob um sol forte naquele dia de inverno. O sol veio visitar Lima, trazido diretamente do Rio de Janeiro, disse-nos Paco ao desejar-nos boas-vindas.

Depois de acomodados na casa da família, almoçamos e conversamos, quase interminavelmente, até chegar a noite. Mais tarde, José, Antonia, alguns amigos e eu saímos para conhecer a noite limenha. Que agitação ao percorrer Barranco e Miraflores! Este último, um bairro boêmio que me lembrou Valparaíso, no Chile. Mas, devo acrescentar, na comparação vence Miraflores por ser muito mais elegante.

No dia seguinte, Antonia viajou a *3 de Octubre*, Distrito de la Banda de Shilcayo, situado na área de abrangência da selva amazônica, onde moram seus pais. José iria encontrar com ela dias mais tarde. Durante três dias, ele foi meu cicerone. Organizou praticamente toda a minha estada em seu país.

Em Lima comecei a descobrir que o Peru é uma sociedade predominantemente capitalista altamente desregulada, o que, aliás, permite a sobrevivência de milhares de pessoas que se dedicam do transporte de passageiros à venda universal de todas as coisas. Um exemplo desta desregulação: para tomar um táxi, fomos rejeitando os carros mais novos, que cobravam preços mais elevados; finalmente aceitamos a oferta de uma condução particular num “fusca” quase caindo aos pedaços, que nos cobrou apenas dois soles para chegar ao centro da cidade. O governo, explicou-me José, liberou a concessão de táxis. Pelo visto também liberou, como vi mais tarde, a compra e venda de dólares, feita por cambistas em algumas esquinas nos arredores do centro da capital. Chegando nas imediações da Plaza de

¹ *Antes do chinó e do fraque
foram os rios, rios arteriais:
foram as cordilheiras em cuja vaga puída
o condor ou a neve pareciam imóveis;
foi a umidade e a mata, o trovão,
sem nome ainda, as pampas planetárias.*

Pablo Neruda. Antologia poética. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

² Viagem realizada em julho de 1995.

Armas, avistamos milhares de vendedores ambulantes que ofertavam a preços bastante acessíveis qualquer software que se quisesse. Ilegalidade, informalidade, desregulação. Como estaria estruturada esta sociedade nacional? O comércio era apenas uma expressão de que vendedores encontravam compradores, mas estes, por seu lado, quais seriam suas fontes de renda? Era impossível que todos vivessem apenas do comércio.

Durante o resto do segundo dia em Lima, minhas preocupações voltaram-se para o planejamento da viagem para o interior. No primeiro roteiro, seguiríamos para a região (departamento) de Ancash, ao norte de Lima. No segundo, para o sul, eu iria sozinho para Cusco e Macchu Picchu. Antes de iniciar as viagens em busca do passado, do Peru, José recomendou-me leituras, conseguiu guias, mapas, instrumentos de orientação.

2. Geomorfologia e demografia do Peru

Informações básicas sobre este país, recolhidas de um guia [³] publicado um ano antes da viagem:

O Peru – país da costa do Pacífico com uma área de 1.285.000 quilômetros quadrados, habitado, segundo dados de 1994, por 23, 1 milhões de habitantes – divide-se, do ponto de vista sócio-cultural, em três regiões geofomológicas e culturais: a **costa** (planície desértica próxima ao mar), a **serra** (as montanhas) e a **selva** (que ocupa 60% do território). Mas, apesar da **costa** dispor de apenas 10% do espaço territorial, nela vive mais de 50% da população do país. As proporções são de 35% na região andina e de 13% na selva. A taxa de urbanização é muito alta – cerca de 70% do total.

A **serra** constitui, do ponto de vista histórico, cultural e político, o eixo da nacionalidade peruana. A serra divide-se em ocidental, central e oriental. A parte ocidental compreende a região da fronteira com o Equador até a fronteira com o Chile, ou seja, abrange uma extensão de 1.880 quilômetros. Na parte central estão as montanhas mais altas (5.300 metros em média). Mas é na Cordilheira Branca, na região de Ancash, ao norte de Lima, que se encontram os nevados que superam os 6 mil metros, Lá se ergue o majestoso Huascarán, o mais alto do Peru e o quarto pico mais elevado dos Andes, 6.768 metros acima do nível do mar. A distribuição demográfica atual é o resultado de processo que remonta à conquista do império inca pelos espanhóis, uma vez que antes o eixo da civilização estava nos Andes.

3. A fragilidade da vida

Viajamos de noite, nove horas serpenteando em meio à serra, em direção da cidade de Huaraz, no chamado Callejon de Huayllas, entre as cordilheiras Negra (costeira) e Blanca (andina). Chegamos ao hotel em Huaraz de madrugada.

Não há dúvida de que qualquer um ficaria, como eu, maravilhado ao avistar, da varanda do quarto de um hotel, bem cedo pela manhã, o famoso nevado Huascarán. Ao baixar o meu olhar para a cidade, avistei uma feira livre a espalhar-se pelas ruas próximas. Permaneci ali minutos em silêncio, até me dar conta da música que vinha de uma das barracas da feira. José acordou com o ruído da porta envidraçada que eu tentava fechar, admirado com minha disposição às 6:30 da manhã. Após algumas cogitações metafísicas matinais, levantou-se e debruçou-se um pouco na varanda. Perguntei que tipo de música era aquela – um *huayno* e quem canta é Flor Pereda, disse-me, e começou a falar deste tipo de música.

Depois de um rápido passeio pela cidade, onde, por pouco, uma lhama não engole minha câmara fotográfica, partimos com um *tour* à lagoa de Llanganuco, o que significava falar do Parque Nacional do nevado Huascarán.

³ Practiguia a Peru. Lima: Peruguia SRL, 1994.

A estrada asfaltada que conduz ao nevado praticamente o mantém sob a vista durante todo o percurso. Quando finalmente se entra na lagoa, entre os paredões de rocha, sob um vento gelado e se avista, mais de perto, o gigantesco nevado, não há como não sentir um tremor reverencial no corpo. Após o almoço em Caraz – *chicharron con concha* – visitamos *Yungay viejo, el cementerio y el camino del derrumbe del Huascarán*. Enquanto descíamos a serra, eu fotografava. Entardecia quando chegamos ao sítio. Um silêncio somente interrompido pelas lufadas do vento, num descampado cheio de pedras e vestígios da antiga cidade. Vestígios de uma igreja, palmeiras. Além, o cemitério, onde foi erguido um Redentor.

No livro sobre o Parque Nacional Huascarán [4] conta-se que a força indomável da natureza manifestou-se ali, num terremoto de intensidade de 7.7 na escala Richter. O terremoto sacudiu o Callejón e o departamento de Ancash e vitimou, na tarde de 31 de maio de 1970, cerca de 80 mil pessoas e deixou sem teto um milhão. A mais impressionante e dolorosa dói o sepultamento da bela cidade de **Yungay**, então com 18.000 habitantes, soterrada por um aluvião de rocha, lama e gelo.

El terremoto inestabilizó inmediatamente masas de roca de un espesor de 60 a 120 metros de toda la pared rocosa, un área de 60 hectáreas. Llevando consigo gran parte del hielo y nieve sobrepuesto, la roca se trituró durante la caída contra el glaciar abajo y formó una masa fluida que bajó por valle encima de un colchón de aire a velocidades d hasta 300 kilómetros por hora. La mayor parte del alud siguió el trayecto del menor aluvión del año 1962 (donde murieron 3000 personas en el pueblo de Ranrahirca...) en línea recta al río Santa, recorriendo a los 16 kilómeros desde el nevado en solo tres minutos. Sin embargo, una menor porción saltó la colina que supuestamente protegía Yungay (a la izquierda en la foto), y una ola barroca, descrita como "de altura de ocho pisos" en el momento de rebozar la cresta, aplastó y enterró la ciudad bajo diez metros de lodo y piedras.

Enquanto os demais participantes do *tour* dirigiram-se ao cemitério, permaneci ali olhando para a planície desolada. De acordo com o guia, de nome Kilf, os únicos sobreviventes teriam sido crianças que não se encontravam na cidade (tinham ido a um circo) e se refugiaram na colina onde fica o cemitério. As tragédias geram os seus próprios mitos: os mortos teriam, assim, salvo os únicos seres puros, as crianças, porque Yungay, nas palavras da senhora que nos servira sorvete em Caraz, teria sido uma cidade por demais feliz. Mas o livro do Parque, fala apenas de 240 sobreviventes que conseguiram escapar porque subiram até o cemitério que se encontra atrás da cidade.

À noite, no hotel, comentamos com o garçom que nos atendia a visita a Yungay viejo e soubemos que era natural de lá, que, no terremoto de 1970, perdera seus *familiares, suas coisas e seus animais*.

No dia seguinte, o *tour* para Chavin: saída de Huaraz, passagem por Cátac, subida da serra, parada na lagoa de Querococha e travessia do túnel de Cahuish, a 4.178 metros sobre o nível do mar.

Nesta parte da viagem, o sentimento de estar adentrando-me na história visível de outra sociedade, num outro modo de produção da vida social, foi-me propiciado pelas cenas a que tive a oportunidade de assistir. Ao passar por Cátac, avistamos comunidades agrícolas e pastoris, em intenso labor. No longo e árido percurso de subida para Chavín, paramos às margens do lago Querococha. Estávamos a 3.980 metros de altitude. Um turista alemão resolveu banhar-se naquelas águas geladas, para espanto de todos os participantes do *tour*. Enquanto o alemão tentava descobrir a veracidade da informação, dada pelo guia, de que o lago era habitado por trutas gigantes,

⁴ Jim Bartle. Parque Nacional Huascarán – Ancash – Peru. Asociación Peruana para la Conservación de la Naturaleza, Huaraz, 1985.

pequenos "índios" – a pele queimada de sol –, aproximaram-se. Não falavam castellano: "dólar! dólar! dólar!" – repetida incansavelmente, até que alguém resolveu atendê-los – foi a única palavra que pronunciaram. Mais acima da colina de onde tinham vindo, uma casa de barro. Abaixo, na proximidade das margens do lago, a figura do que provavelmente seria o seu pai, montado num cavalo. Na continuação da viagem que, a partir do evento do mergulho do alemão, tornou-se bastante animada, percebi inúmeras casas, compondo pequenas aglomerações ao longo de vales ou das encostas. Casas sem luz, à soleira das quais às vezes apareciam mulheres envelhecidas, como se a morte as habitasse prematuramente, acompanhadas de seus animais, porcos e cães.

O gigantesco túnel de Cahuish – um túnel escuro escavado na rocha bruta – situado no ponto de altura máxima da viagem, separava-nos do acesso ao sítio arqueológico de Chavín. Chegamos na hora do almoço. Uma fome tremenda conteve-me de antecipar a visita. A vida ali naquele lugarejo parecia escoar-se tão lentamente quanto a pa-ssa-gem do gado em plena rua de barro batido. Nas encostas, por todo o lado, plantações. Um dia sonolento, um tempo quase imóvel.

Depois, ao adentrar no sítio arqueológico, descobrimos o esplendor do passado, ou, melhor, do conhecimento humano que vencera, há milênios, os obstáculos de uma natureza aparentemente hostil. Esplendor a refulgir em monumentos como *El Lazón*, as *cabezas clava*, as galerias e o canal hidráulico do "templo" de Chavín, localizado a 3.190 metros de altitude, no meio do caminho entre a selva e a costa, na vertente oriental da Cordilheira Branca e às margens do Rio Mosna, afluente do Rio Marañon, ele próprio um dos contribuintes do grande Amazonas.

O nome Chavín alude ao sítio arqueológico, a uma fase da história andina e a um estilo artístico. No pequeno museu local, adquiri um livro-guia (resenha histórica e guia turístico) sobre o sítio escrito pelos Hoogendorn. Segundo os autores, dois mil anos antes de nossa era, viveu na região um povo (e uma religião) conhecido como Kotosh, provavelmente oriundo da selva. A serpente, o jaguar e o crocodilo seriam indicações desta influência selvática na cultura que, organizada em torno do centro cerimonial de Chavín, atinge seu apogeu por volta do ano 500 antes da era cristã.

Entardecia quando voltamos a passar por Cátac, Ticapampa e Recuay. À porta das casas, famílias de camponeses conversavam animadamente. Um sentimento de bem-estar perpassava esta animação e não seria um erro supor que isto se devia, em boa medida, aos frutos de suas colheitas que podiam exibir aos transeuntes. No amanhecer do dia seguinte, retornamos de ônibus para Lima. Ao passar novamente por ali, tive a oportunidade de ver o trabalho de camponeses na colheita de um cereal. Tirei uma fotografia. Aos poucos, a Cordilheira Branca foi ficando para trás, perdendo-se da vista no horizonte longínquo do altiplano.

4. O umbigo do mundo

Como se conhece uma cidade histórica a não ser pelas suas histórias? Cusco eu conheci inicialmente pela prosa de Arguedas, na leitura do primeiro capítulo de *Rios profundos*, *El viejo*. Em seguida, nas conversas com meus anfitriões, Pilar e Lucho. Depois, por meio dos guias de turismo Martin Martinez e Cosme, uma leitura indigenista dos catálogos e resenhas de abordagens historiográficas. Mas também pela observação de cenas da vida cotidiana, como um casamento a que assisti na igreja dos jesuítas e uma exposição fotográfica (TAFOS) no Teatro Municipal. Sem estas leituras, as imagens não têm sentido. Assim, os oratórios e as naves da Catedral, por exemplo, devem ser vistas como referências de um centro de poder, de conspiração e de autonomia dos colonizadores diante do rei de Espanha.

Do alto da Urb. Lucrepata, onde fiquei hospedado, podia avistar boa parte da cidade e sentir, ao percorrer as suas ruas, em direção à Plaza de Armas, porque Cusco era o "umbigo do mundo" para os incas. A beleza se

distingue por toda as partes, quer no urbanismo e arquitetura incaicos, quer na espanhola, erguida sobre os fundamentos daquelas construções que os conquistadores, quem sabe após terremotos, aprenderam a valorizar. Respira-se cultura em todos os lados. Na Cuesta San Blás, no bairro homônimo, entrei no *Taller Arte Escuela Cusqueña "Chuky"*, onde adquiri uma cópia de um Arcanjo arcabuzeiro pintado por Moises Florez, pintura cusquenha que foi emoldurada artesanalmente por Maximiliana Quinteros. A moldura esculpida em madeira é a verdadeira obra prima.

Sem dúvida, a viagem de trem para Macchu Picchu é um percurso tão belo quanto a entrada nas ruínas deste sitio arqueológico. Quase que antecipa a maravilhosa sensação de pairar nas nuvens e da tontura ao mirar, de cima do sítio, as águas do rio Urubamba que serpenteia embaixo, em volta das escarpadas montanhas, mais rasas nesta época do ano. Mas é preciso deixar-se ficar em silêncio, coisa praticamente impossível no meio de tantos grupos turísticos. Obviamente, é possível escolher épocas do ano mais propícias, provavelmente com preços mais acessíveis. É muito difícil falar de Macchu Picchu, porque não há uma história, mas um conjunto de suposições para uma história ainda a ser escrita. É fundamental observar em silêncio os vestígios de uma cultura cujos sentidos provavelmente jamais lograremos entender.

Para aproximar-se à história do Peru, o viajante deve dirigir-se ao *Centro de Estudios Regionales Andinos "Bartolomé de las Casas"*, sito em Pampa de la Alianza, 465. Na ocasião, quem me levou para conhecer esta organização não governamental foi Maria del Pilar Zevallos, na casa de quem fiquei hospedado durante os três dias em que permaneci na cidade. Esta história mergulha num passado muito distante, e, com base em muitos registros e estudos aventa-se a seguinte hipótese:

Por volta de 20 mil anos antes de nossa era, bandos de coletores e caçadores seguiram a rota de animais, *huanacos*, *vicunhas* e *cuyes* silvestres. Teriam vindo originalmente da Ásia, pela Beringia. Esses primeiros homens e mulheres que usavam utensílios de pedra e osso, conviveram com os megatérios e mastodontes, fauna que sobreviveu vários milênios a mais do que na Europa. Mudanças climáticas, da flora e da fauna ocorridas no período de 10 mil anos passados, favoreceram o surgimento da agricultura – com a domesticação do *maiz*, *zapallo*, *pallar*, *camote* e algodão – da pesca (com barcos de totora) e a criação de animais que puderam fornecer carne a esta população primitiva. O milho foi fundamental neste processo, o cereal básico da humanidade nesta parte do globo. Depois, veio o fato extraordinário do cultivo da batata. É em torno da alimentação, aliás, que se poderia propor um fio de continuidade entre o passado longínquo e o presente.

Os principais marcos civilizatórios são: a primitiva cultura Kotosh (mais de 2.000 a.C); a cultura de Chavín (1.000 a 200 a. C.), considerada por Larco o centro ativo de difusão cultural, demonstrado especialmente na simbologia mágico-regiliosa com base na figura de Wiracocha; a eclosão de várias culturas regionais, como Paracas, contemporânea a Chavín, e Nazca e Moche, no período entre 200 e 800 a. C.; e o "império" de Tiahuanaco-Huari, no Lago Titicaca, entre 200 e 1.100 d. C. Os Chimú, localizados na região de Trujillo, foram os herdeiros de toda a tradição que vem desde Tiahuanaco, especialmente dos Moche. O legado da cultura Moche foi desenvolvido de modo impressionante nos trabalhos de engenharia hidráulica (canalização das águas da cordilheira e irrigação dos vales do deserto costeiro) e da arte de ourivesaria. A cultura Lambayeque, situada em Chiclayo, encontra-se vinculada à de Chimú. O mito de fundação desta cultura refere-se a um povo vindo do outro lado do mar, guiado pelo grande senhor de Ñaymlap, fundador da dinastia. Na datação arqueológica, trata-se do século XIII d. C. É então quando aparecem os Incas, os nobres do povo Quéchuá. Em termos de origem mítica, os incas seriam o resultado da luta entre quatro irmãos ou tribos (Ayar). A vitória de Ayar Manco ou Manco Cápac inicia a dinastia dos

incas. A luta pela hegemonia [⁵] em toda a região andina, de norte a sul, começa no século XII, tendo como epicentro Cusco e termina com a vitória sobre os chancas. Não se deve esquecer que este processo ocorre simultaneamente à desagregação do império Tihuanaco-Huari. Assim, entre os séculos XII e XV tem lugar, a partir dos Incas, a construção do *Tahuantinsuyo*, a unidade imperial das quatro direções ou regiões administrativas (*suyo*). A organização social subjacente é hierárquica, distinguindo nobres e guerreiros de camponeses, pastores e servos, *yanaconas*. A unidade fundamental, célula produtora da vida social é o *ayllu*, constituído por famílias que possuíam uma área de terra – marca – e se reconheciam descendentes de um ancestral comum. Cada família tinha uma parcela dividida em três partes, destinadas, respectivamente, à sua manutenção, ao pagamento de tributo ao Inca e ao Culto. Pastagens e lenhas eram exploradas coletivamente. As tarefas agrícolas de interesse comum também se realizavam coletivamente. Os incas construíram, sobre esta base, uma máquina estatal extremamente eficiente em suas funções de coordenação social.

O auge do império inca foi atingido durante o reinado de Huayna Cápac que havia estendido o império até o Equador e promovera seus chefes militares a incas, em detrimento da nobreza cusquenha de sangue. Ele morreu em 1525. A sucessão foi disputada por Huáscar e Atahualpa, filho de Huayna Cápac. A guerra sucessória dura cinco anos e coincide com a chegada dos espanhóis em 1532. Pizarro captura Atahualpa em Cajamarca neste ano e o executa no ano seguinte. Em 1536 acontece a rebelião liderada por Manco, organizada na fortaleza de Sacsahuamán. Expulso de lá em 1537, Manco é assassinado em 1544. Entrementes, tem início, no ano de 1539, a construção, sobre o Palácio de Huiracocha, da Catedral de Cusco, concluída apenas 94 anos depois. As rebeliões contra os conquistadores espanhóis duraram até 1572. Séculos depois, Tupac Amaru, um índio nobre com certa fortuna, lidera, em 1781, a última insurreição contra o domínio espanhol.

A permanência do passado se manifesta, como já foi dito anteriormente, na alimentação. Isso significa falar da agricultura voltada para o mercado interno, principalmente da agricultura camponesa. Entre Cusco e Puno, a alturas entre 3.500 e 4.000 metros, há cultivos de batatas e outros tipicamente andinos, como *cañihua*, *ocas* y *ollucos*. Como o cultivo destes produtos sensíveis se vê constantemente sob a ameaça do gelo, os camponeses cultivam vários tipos de batatas, a fim de prevenir a sobrevivência de algumas destas em caso de desastre natural. Os estudos de História da América devem, portanto, inserir-se na perspectiva braudeliana da dialética da duração. Também me perguntei, depois de uma conversa ao jantar, na casa dos Veracruz, sobre a longa duração noutra dimensão da cultura, manifesta nos sentimentos coletivos transmitidos geracionalmente. A oportunidade desta reflexão surgiu como decorrência da narrativa de minha visita a Cusco. José Honorato, pai da Senhorita Jéssica, que estava hospedada com os Veracruz para submeter-se a uma cirurgia, e ambos eram naturais da região cusquenha, contou-nos que as rivalidades políticas entre as cidades vizinhas de Cusco se manifestavam até mesmo no ódio entre times de futebol rivais. Foi então que me ocorreu perguntar a José Honorato qual a pior região ou a cidade para onde se deveria expatriar o inimigo. Ele respondeu, sem pestanejar “Castrovirreyna”, uma gelada cidade localizada no departamento de Huancavellica, a 4.300 metros sobre o nível do mar.

⁵ As etnias conquistadas logram ser reconhecidas por meio de sua cultura, especialmente de suas divindades. A religião era, portanto, um fator básico da legitimação ou da aceitação dos dominados.

5. Gamarra e Museu Larco

No último dia de minha estada, Paco levou-me para conhecer Gamarra, o bairro comercial onde, à semelhança de Ciudad del Este, no Paraguai, milhares de lojas se comprimem umas às outras. Percorremos lojas situadas ao longo de ruas enlameadas (havia chovido na véspera, um fato inédito na capital limenha há décadas). Comerciantes índios chamam a minha atenção. Paco diz-me que eles vêm da Serra, trazem seus parentes para trabalhar numa situação de semi-escravidão.

Depois, no silêncio de sua sala, em casa, Paco contou-me sua história. Esta pode ser vista como uma anotação da história do capitalismo no Peru. Proprietário de uma fábrica de tecidos, ele conta-me esta história na qualidade de um ator que já saiu do cenário. Refere-se à lei de empresa imposta pelo general Velasco Alvarado, ao final dos anos 60, que conduziu à saída do capital americano do país. Paco vendeu sua fábrica a um grupo nacional da construção civil que deu origem ao grupo têxtil *La Unión*, um grande conglomerado industrial controlado pelos irmãos Brescia. Em 1990, o conglomerado entra em falência. A recuperação se dá em 1990, mediante a "concordata pública" instituída por Fujimori. Inicia-se então uma fase de capitalismo desregulado. A fábrica de tecidos *La Unión* vende pano para as confecções sem fatura que, por sua vez, também não passam recibo de venda para os comerciantes que também não os passam para os compradores. Os donos dos negócios estabelecidos em Gamarra eram os *chollos* que eu havia visto, em orgulhosa postura na entrada de suas lojas, dispõe de empregados na parentela e de vendedores ambulantes que comem na rua.

Capitalismo "kombi". Encontrei a expressão num número do jornal *El Comercio*. Por que "Kombi"? Gamarra é o lado periférico ou desregulado de um núcleo fundamental do capitalismo. Afinal, como seria possível sustentar o Estado, de onde viriam os impostos para sustentar o aparato policial-militar de Fujimori? Para um articulista da revista *Caretas* o projeto nacional de Fujimori é uma atualização das vantagens comparativas do país, ou seja, da agricultura e da mineração. Fico a pensar no pesadelo que significa impulsionar a agricultura e a mineração na fronteira de expansão da economia peruana – a selva amazônica. Vinculado a este projeto, a economia interna, estruturada sobre o campesinato.

Vou ler em *El poder econômico em el Peru*, de Carlos Malpica, o que me falta para entender a unidade e a oposição entre formal e informal que se encontra na sociedade nacional peruana. Ali, no seu tomo primeiro, dedicado aos bancos nacionais, está a chave do aparente paradoxo. Reencontro o caso da Fabrica de Tejidos *La Unión* conglomerado industrial-comercial dos irmãos Brescia que, em 1989, detinha 38% do capital social da empresa principal e, como lhes correspondia igual porcentagem no capital das filiais, alcançava um total de 46%. A família Brescia Cafferata constituía a terceira geração descendente de um imigrante italiano que chegara ao Peru no final do século XIX. Terrenos e negócios imobiliários urbanos constituem o negócio principal e histórico do grupo. Participa também no capital do Banco de Crédito do Peru, no Central Trust and Financial Corporation (sediado em Miami, nos EUA), entidade que regularmente empresta às suas empresas e na Companhia Internacional de Seguros. A família Brescia possuía nesta época, 9,58% do capital do Banco de Crédito, o maior banco do país.

Isto tem uma história: a reforma bancária velasquista de 1979 estabelecera que não mais de 20% das ações poderiam pertencer a empresas estrangeiras. Trata-se da história secreta de um outro "golpe de estado", este promovido pelas famílias que, com apoio do Governo, substituíram a administração italiana que controlava o Banco de Crédito do Peru por meio de sua subsidiária francesa Banque Sudameris. O que levou, por exemplo, o Banco Sudameris (que manteve 4,86% do capital do Banco de Crédito) a transferir a maior parte suas ações às famílias Moreyra, Letts, Garcia, Sayan,

Picasso, Ayulo e Beltran, por meio do qual elas ingressaram no mundo financeiro.

A economia peruana estava, no final dos anos 80, sob controle de 40 famílias. Donde se conclui que o capital financeiro articula a complexa e segmentada economia peruana, um mundo ao qual já pertenciam os alemães judeus do Banco Wiese, que tinham, no banco fundado em 1943, o eixo articulador de suas empresas de mineração.

À tarde, num reencontro com o passado, Paco levou-me para conhecer o Museu Larco de Arqueologia e Antropologia. Um pequeno museu particular, muito bem organizado. [6] No circuito museográfico, entre as múmias expostas, várias sentadas, com as cabeças adornadas por maravilhosos turbantes. E então vejo um *tecido paracas de uma pulgada* (2,5 cm) que continha, nada mais, nada menos, do que 398 fios. Diante daquele pedaço de pano, tive a sensação de que um vórtice do tempo arrancava-me dali para algum lugar do passado, na costa sul do Peru, onde viveu, entre 800 e 200 d. C., o povo da cultura conhecida como Paracas. Um povo com grande habilidade na tecelagem, uma arte que, para Larco, era feminina. Este sentimento o vivi como se tudo o que se passou, como disse César Vallejos, *se empozara en el alma*.

Algum tempo depois, ao conversar com Paco sobre o sentimento provocado pela visão do tecido *paracas*, dei-me conta de que a pergunta corriqueira “como os *paracas* foram capazes de tamanha proeza” – formulada em comparação com o que o fato de que o mais moderno tear não conseguia, naquele momento de minha viagem, ultrapassar a marca de 140 fios por 2,0 centímetros – deveria ser substituída por outra: por que não conseguimos aprender como foram capazes desta proeza? De que saber técnico eles (ou elas) dispunham? Desta forma, o sentimento de que fui tomado ao olhar aquele minúsculo vestígio de uma cultura sofisticadíssima poderia ser interpretado como a angústia da descoberta da singularidade da aventura humana, irrepitível inclusive em sua dimensão coletiva, e, mais ainda, marcada pela descontinuidade e pela perda, muitas vezes irreparável. A perda é destruição física de pessoas, de relações e de simbologia.

Caberia perguntar: por que circunstâncias o talento *paracas* de tecer não pode ser reapropriado? Arrisco a hipótese de que a habilidade deveria fazer parte do patrimônio cultural de um estrato específico daquele povo, indissociável do sentido que tinha para a sociedade e que o desaparecimento desta sociedade implicou o desaparecimento do saber artesão transmitido oralmente dentro do estrato ao qual pertencia o artesão (ou artesã, como quer Larco).

Na história profunda dessa América *indígena*, houve continuidades e descontinuidades, da quase extinção até um parcial processo de recuperação [7]

6. O sentido da perda de sentido

A primeira relação oficial que um estrangeiro estabelece com um nativo se dá através da língua. Em termos de América Latina, isto significa o *castellano*. Mas ao lado da língua dominante há, praticamente em toda a região, outra, dominada. No Peru há o *quechua*, a língua dos habitantes da serra, falada pelos camponeses índios, descendentes daqueles que conseguiram sobreviver à violência da conquista espanhola. A denominação *quechua* é da época colonial. Antes era conhecida como *runa-simi* ou a “língua do mundo”, denotando o caráter entocêntrico da experiência humana

⁶ O museu inclui, ao lado do circuito museográfico, uma seção reservada à arte erótica *moche* e, outra com réplicas, onde a nossa guia levou-nos a identificar figuras em cerâmica que retratavam, para o nosso espanto, um “árabe” e um “chinês”.

⁷ Aguirre Rojas, Carlos Antonio. A história da civilização latino-americana. In: Lopes, Marcos Antonio (org.) *Fernand Braudel: tempo e história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

persistente até os dias de hoje. Quase certamente a identidade cultural do campesinato índio peruano teria se perdido caso não encontrasse expressão "universal" nas suas relações imediatas – ou seja, na língua. Isto porque a crise provocada pela conquista foi dramatizada pela ameaça de extinção. Entre 1500 e 1561, a população passou de 6 milhões para pouco mais de 1 milhão de pessoas: um verdadeiro genocídio.^[8]

Quando se adentra nas ruínas de Macchu Picchu, em meio à maravilhosa projeção daquele ininteligível mundo morto nas alturas das escarpadas montanhas, percebe-se o que se perdeu, na maior parte das vezes de modo derradeiro, em meio ao sangue e silêncio. Uma cultura inteira desapareceu, ao longo de poucos séculos, por causa do desprezo dos conquistadores, a interdição do catolicismo e a liquidação física dos artesãos na exploração brutal das minas de prata pelos espanhóis. Certamente é indispensável prestar atenção a outras narrativas, contemporâneas, vulgares ou não, para resgatar da morte o que se perdeu. Onde o povo é, como diz Neruda, *el hombre tierra, párpado del barro trémulo, forma de arcilla/ pedra chibcha/ copa imperial o sílice araucana*, de onde sopra o vento e a voz de seus intérpretes nos dias atuais, os singelos guias de turismo. ^[9]

Os guias de turismo no Peru parecem tomar como referência uma história dos indigenistas, assumindo o ponto de vista dos povos pré-colombianos, particularmente dos incas contra os invasores espanhóis e os brancos em geral. ^[10] Os guias representam, pelo menos aqueles que conheci em Cuzco, uma espécie de "baixa intelectualidade" dos camponeses. As descrições dos monumentos e as explicações dos eventos a que remontam estão, muitas vezes, em desacordo com versões mais eruditas da história da América pré-colombiana.

Michel de Certeau ^[11] apontou para a absoluta relevância do tempo enquanto uma categoria dos dominados, em oposição à categoria do espaço, expressão de um querer e poder daqueles que dominam. O tempo histórico dos vencidos encontra sua forma no trabalho dos historiadores, dos antropólogos e também dos poetas. Na poesia, o tempo é recuperado como memória de um relato baseado na identificação do poeta com seu povo, capaz de atrair as inumeráveis vozes de sua cultura, de seus fundamentos míticos e elementares.^[12] Se o mundo é quem habita o poeta (Victor Hugo), então o poeta pode ser o narrador de um tempo perdido. Por isso, Neruda diz:

Yo estoy aquí para contar la historia.

Ele tem a força "para atravessar o silêncio e germinar nas trevas", para envolver-se com os elementos, morrendo e renascendo. É na oposição entre os elementos – entre a força negativa da água e a positividade combativa do vento – que se manifestam a morte e a vida, o esquecimento e a lembrança, a própria poesia.

⁸ A diferença, uma diferença radical, em relação aos países do cone sul, como Chile e Argentina e Peru, reside, portanto, na cultura, no tipo de racionalidade e, portanto, na dimensão étnica da historicidade. Isto foi percebido por Neruda já bastante cedo, em 1929, quando se manifestou contra a especulação intelectual de um Borges, em suas meditações sobre a infinita circularidade da cultura. Ver a esse respeito a apresentação da Antologia poética de Neruda na edição bilingüe da José Olympio, por Jorge Edwards.

⁹ *O homem terra foi, vasilha/ pálpebra de barro trémulo, forma de argila,/foi cântaro caraíba, pedra chibcha,/taça imperial ou sílica araucana.*

¹⁰ Um dos maiores porta-vozes intelectuais do indigenismo na literatura peruana foi, sem dúvida, José Maria Arguedas. Dele, em *Los ríos profundos*, temos, no primeiro capítulo, a mais bela narração da entrada de visitantes, à noite, em Cuzco, nas sombras de construções espanholas erguidas sobre os marcos incaicos, símbolo da opressão espanhola sobre o "índio". É um verdadeiro roteiro para um estrangeiro.

¹¹ Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

¹² Ester A V de Oliveira. O tempo "redescoberto" no Canto Geral. *América Hispânica*, IV (5): jan/jun 1991.